

NECROPOLIS DE DOCIMIA.

Necropolis é um termo grego que significa cidade dos mortos, e applicava-se especialmente aos tumulos subterraneos ou hypogeus, que os egypcios excavavam na visinhança de suas cidades; cita-se sobre todas a Necropolis de Alexandria. Na Asia Menor tambem existem muitos, e nem todos são ornados de fachadas ricas ou elegantes como os de Urgub e Myra; ha-os que não passam de simples grutas sem adorno algum; e mesmo no ultimo logar mencionado, Myra, se vêem bastantes d'este genero. D'esses hypogeus (quer dizer, subterraneos) escolhemos para exemplo, um d'aquelles em que se acham reunidos em maior numero, a necropole de Docimia.

## ESPANTOSA INUNDAÇÃO DE MAR.

### II

« Il faut avouer que nous sommes bien éloignés de pouvoir en donner une explication satisfaisante, dans l'état actuel de nos connaissances. »

ALEXANDRE DE HUMBOLDT.

Não é sem reluctancia, que levamos mão do simples relatorio das occurrencias relativas á inundação de mar, que tão poderosamente se fez sentir no archipelago dos Açores no dia 5 de Dezembro de 1839, para lhe aventar algu-

VOL. I. — 4.ª SERIE.

mas conjecturas causaes. Leigos nas doutrinas e lições das sciencias naturaes, entramos contrangidos n'este particular. De boamente quizeramos fugir-lhe, e lhe fugiramos, se não fosse o implicito reclamo que a narração precedente está fazendo d'algumas palavras, que, se não satisfaçam cabalmente a curiosidade dos leitores, deixem ao menos motivo de a entreter com pareceres e adivinhações; porque, enfim, quasi que a isso se reduz o pouquissimo, que sobre este ponto se pode dizer.

Sabios naturalistas tem parado confusos e maravilhados ante a immensidade de quejandos phenomenos maritimos, desconhecendo-lhes a origem, e contentando-se em admirar-lhes os effeitos, sem aventurarem sobre aquella mais do que contradictorias, e volantes supposições.

Este successo particular, só remotas analogias de origem nos offerece com muitos outros, frequentes nas costas asiaticas e americanas. Não virá inutil fazer aqui menção especificada d'estes, para illustrar o nosso proposito, com que parecem ter fraternidade.

João de Barros, e Diogo do Couto, nas *Decadas* ou *Asia Portugueza*, nos dizem, que na India lhes chamam *macaréo*, que é — «fluxo de maré... tão veloz, que não ha cavallo, por ligeiro que seja, a que a maré não alcance, quando entra pela planicie da praia.» — «Nos mares da India (lê-se n'um escripto contemporaneo) chama-se *macaréo* aquelle impeto, com que por es-

MARÇO, 28, 1857.

la costa enchem e vasam as aguas do mar. Tal é a força, tamanho o arrebatamento, e violencia com que descem e sobem, que de qualquer postura que colhem os navios, se não é com a prôa direita, e muito cuidado contra a corrente, de nenhum modo escapam de trabucados.»

No *Tratado breve dos rios de Guiné*, André Alvares d'Almada, considerando a navegação do rio de *Geba*, também falla d'este phenomeno. — «Esta navegação (diz elle) é perigosa por causa da agua do *Macaréo*, que é encher este rio lá em cima com tres mares sómente. Estando a maré vasia, dando tres mares fica preamar de todo; (1) e antes de virem estes mares se ouve roncar um grande espaço, e mette medo ás pessoas, que nunca viram isso. E correm as embarcações grande risco. . . .»

À America é elle familiar. *Pororóca* no Amazonas, Maranhão, etc., como era *macaréo* na Asia; seus effeitos violentos são tão analogos, como porventura suas causas, que indubitavelmente continuam ainda hoje a ser um segredo, que a natureza tem sonogado ao olho atrevido do homem.

*La-Condamine*, observador experimentado e perito, nos dá testemunho da *pororóca*. «Principalmente em frente da grande confluyente do Arawary no Amazonas (diz) pelo norte, singular phenomeno nos presenta o fluxo da maré. Nos tres dias mais convisinhos aos plenilunios ou novilunios, em que as marés são mais subidas, em lugar de empregar como de ordinario seis horas a crescer, o mar se eleva em um ou dois minutos ao seu mais alto ponto. Claro está que este descomposto successo não correrá em socego. Na distancia de uma ou duas leguas já se ouve o bramido horroroso, precursor e certo annuncio da *pororóca* — que tal chamam os indios d'estes cantões a esta terrivel enchente. O rumor augmenta à proporção que ella se aproxima, e logo apparece um vagalhão promontorio, d'altura de doze a quinze pés; — apoz, sobrevem outro. . . outro. . . e outro. . . sem espera, estendidos por toda a largura do canal. Esta vaga prosegue com uma rapidez prodigiosa; arrasa e faz pedaços quanto ousa antepor-se-lhe. Em varios logares eu vi muito terreno arrebatado por a *pororóca*, grossissimas arvores arrancadas, e toda a casta d'assolações. Tudo o que ella percorre fica tão limpo como se a praia fóra varrida cuidadosamente. Botes, canoas, e até barcas. nenhum outro refugio topam, que a tal furor as furte. . . senão lançar ancora em logares de muito fundo. . . .»

Sobre este phenomeno no Maranhão, que é —

(1) «*De todo não fica*; — nota José Joaquim Lopes de Lima — porque ainda depois d'estes mares continua a encher por mais tres horas, no fim das quaes — vasa por seis horas, — e seguem-se então tres horas de baixa-mar, durante as quaes vae successivamente crescendo o ronco que causa o impeto do mar d'encontro ás corôas d'areia até que chega a romper nos tres mares do *macaréo*.»

«um movimento irregular das aguas na occasião da enchente das marés, entrando pelos rios e lagos acima com impeto inexplicavel» — nada accrescentaremos, porque substancialmente se reduz a quanto fica dito.

Conhecido n'algumas partes, nomes particulares ou accidentaes lhe impõem em cada uma d'ellas. Nas costas da Girona, na Garona cerca de Bordeaux, onde o appellidam variamente *macaret*, *mascaret*, *barre*, é de tão sensivel violencia, que no meio de mil outros sortidos e pasmosos effeitos, faz, sem que isso admire pela frequencia, afundar as embarcações sobre a amarra! As ilhas Orcades, na parte septentrional da Escocia, não desconhecem esta corrente caudal — e quem em Cayenna perguntar por o *barre* achará ahi farta experiencia d'elle. (1)

Sendo familiares nos mares da India e da America, o *macaréo* e *pororóca* não são frequentes cá nas partes europeas — raridade, que não pouco talvez tenha concorrido para que a sciencia os conheça tão vagamente; porquanto, quasi estranho na Europa, que sem falsidade ou offensa de pundonores podemos dizer tem sido o nuelo dos sabios, d'est'arte ha sido de mais custosa e rara investigação.

Volvendo a fallar da singular inundação dos Açores em 1839 — depois de termos apresentado o bosquejo de alguns successos analogos, que periodica ou extraordinariamente occorrem em longinquas plagas — diremos, que o dia 5 de Dezembro não tomou desprezadas as ilhas portuguezas. A de San-Miguel tem por vezes experimentado taes assolações, e ainda que a sua historia não seja mui particular na relação das

(1) Não podemos resistir á tentação de trazer para aqui a formosa descripção que do *barre* faz um dos mais eloquentes e poeticos escriptores francezes. — «... Nous entendimes au loin un bruit sourd, mugissant, semblable à celui d'une cataracte... J'aperçus a la blancheur de son écume, une montagne d'eau qui venait à nous du côté de la mer, en se reulant sur elle-même. Elle occupait toute la largeur du fleuve, et surmontant ses rivages à droite et à gauche, elle se brisait avec un fracas horrible parmi les troncs des arbres de la forêt. Dans l'instant elle fut sur notre vaisseau, et le rencontrant en travers, elle le coucha sur le côté: ce mouvement me fit tomber dans l'eau. Un moment après, une seconde vague, encore plus élevée que la première, fit tourner le vaisseau tout-à-fait. Je me souviens qu' alors j'entendis sortir une multitude de cris sourds et étouffés de cette carène renversée...»

«Cette montagne d'eau est produite par les marées qui entrent de la mer dans la Seine, et la font refluer contre son cours. On l'entend venir de fort loin, sur tout la nuit. On l'appelle la *Barre*, parce qu'elle barre tout le cours de la Seine. Cette barre est ordinairement suivie d'une seconde barre encore plus élevée, qui la suit à cent toises de distance. Elles courent beaucoup plus vite qu'un cheval au galop.» — Bernardin de Saint-Pierre, *OEUVRES COMPLETES* (ed. d'Aimé Martin) na *Arcadie*, t. 7.º dos *Etudes de la Nature*, p. 132 e 375.

enchentes anteriores, assim mesmo de algumas d'ellas nos legou pungente memoria.

Por occasião do espantoso terremoto, que soverteu Lisboa, no 1.º de Novembro 1755, muitos tremores de terra, acompanhados d'uma extraordinaria inundação de mar, destruíram algumas povoações d'aquella ilha, e em Ponta-delgada a enchente entrou e assolou as ruas convisinhas ao litoral.

No meio de ventos violentissimos, com o celebre temporal de 25 d'Agosto 1779, o mar furioso e descomposto, elevado a uma altura desmesurada, entrou por muitas vezes a mesma cidade, cercado de todos os lados a igreja matriz de San-Sebastião, e espraçando-se, como outros tantos braços de rio, pelas ruas adjacentes. Por sobre o penedo *amarello*, no areal de Santa Clara, doze pés acima do nivel do oceano, no extremo occidental de Ponta-delgada, arrojou o mar um navio até ao poço (distante do penedo duzentos e quarenta pés) e da tripulação só pôde salvar-se um homem.

Apoz isto não veio de novo a inundação de 1839. Acompanhada de cortejo horroroso chegou ella! Mais vehemente sobre a madrugada, tomou incremento espantoso com o dia. Felizmente não durou muito, e dentro de poucas horas já a violencia do phenomeno declinava. Uma atmospherá pesada e escura — nuvens continuadas e espessas — altissimas vagas d'um espantoso colorido, como montanhas encobrendo todo o horisonte, succedendo-se, revesando-se, rolando furiosas sobre a praia, aluindo e desconcertando não só todas as obras dos homens que lhe ficavam diante, mas também as rochas naturaes, de que despregavam muitos borcelos, subvertendo tudo quanto se oppunha á sua inopinada violencia arrebatadora — taes eram alguns dos prospectos, que apresentavam os succedimentos d'aquelle dia!

Seria este phenomeno produzido por um desregramento ou desconcerto da grande corrente submarinha, que saindo do golpho do Mexico, toma a altura de Newfoundland, passa pelos Açores, e emfim, apoz outras rotas, vae entranhar-se no Mediterraneo?

Seria uma tempestade marítima, gerada n'esta paragem, ou consequencia d'outras mais longinquas?

Seria o *macaréu* ou *pororóca*, ainda que não reagindo sobre nenhum rio, mas só por paridade de seus effeitos mais genericos? O já citado La-Condamine, fallando da *pororóca* e querendo afeiçoar-lhe uma explicação plausivel, escreve — «... Notei sempre, que ella não sobrevinha senão com a enchente da maré, a qual represa em canal estreito, topava no caminho com um banco d'areia ou fundo alteado, que se lhe oppunha, e que só aqui principiava este movimento impetuoso e irregular das aguas, que cessava um pouco além do banco, quando o canal se profundava ou alargava consideravelmente.» N'este mesmo sentido também parece escrever

Lopes de Lima, (1) fallando dos bancos d'areia ou corôas de Goiajé, que obstruem o rio de Geba na Guiné-portugueza, e dizendo — «... Estas corôas ou *dunas* d'areia, tomam o rio quasi de banda a banda, deixando apenas um canei-ro estreito, por onde mal podem passar duas canoas a par durante um bom espaço do rio, e como são mui altas represam ali a maré por tres horas, o que nas grandes marés de conjunção de lua produz o phenomeno do *macaréu*, o qual não deixa de ser perigoso para as embarcações, que se acham n'aquelle canal ao tempo que as aguas represadas rompem com furia aquelle dique natural.»

Mas a respeito das razões em que La-Condamine assentou para illustrar a *pororóca*, disse o sabio naturalista Patrin: — «Parece-me que o phenomeno da *pororóca* se pode explicar pelas razões de La-Condamine, tanto como os furacões se podem julgar effeitos de simples alteração no equilibrio da atmospherá, que quando muito produziria uma ligeira viração.»

Seria a nossa inundação consequencia de contra marés, que violentamente se debatessem, correndo de pontos oppostos? — Esta hypothese achou ecco em muitos espiritos. Um velho experimentado marítimo michaelense foi um dos que primeiro suscitaram similhante idéa. — Eram, dizia elle, marés correntes do noroeste e sueste. E para muita gente isto se constituiu em facto averiguado. — Não o fôra comtudo assim, nem o podia ser, para os mais escrupulosos, acostumados a razões logicas e demonstraveis. Um entendido, escrevendo sobre isto, disse e com muita sensatez — «O que... não está bem averiguado ainda é a causa da apparição de tão destruidores effeitos.» (2) E o mesmo Patrin o vem

(1) *Ensaio sobre a Statistica das Possessões Portuguezas no Ultramar*. L. 1.º Part. II. pag. 107 e seg.

(2) «O dia 5 de Dezembro de 1839 na cidade de Ponta-delgada. — O espantoso phenomeno marítimo, novo entre nós, extraordinario, e para sempre memoravel, observado, e gravemente sentido no dia 5 do corrente, não é estranho nas ilhas francezas americanas, e em outros pontos do globo. Dão-lhe ahí o nome de Ras-de-marés. Tem logar este phenomeno desde o principio do mez de Novembro até o meado d'Abril, especialmente em Dezembro, e Janeiro; e sempre junto das costas, ou praias, ainda que em pouca extensão d'ellas. Tão violentos, e tão impetuosos são os assaltos das desmesuradas ondas, que submergem, d'ordinario, as embarcações ancoradas, ou amarradas nos portos, e enseadas. — Sabido é que a terribilidade dos vagalhões junto das praias lhes provém de se recurvarem sobre si mesmas as vagas, augmentando de volume, e de se quebrarem com fragor horrendo. — O que porém não está bem averiguado ainda é a causa da apparição de tão destruidores effeitos. — Dos naturalistas julgam uns serem furacões, ou tempestades locais, independentes do sopro dos ventos. Para si tem outros serem consequencias de procellas, que em outras partes reinaram. Outros emfim presumem não serem mais do que contra-ma-

roborar, quando diz que a *pororóca* é — « um facto extraordinario, de que fôra difficil descobrir a origem, com a qual nem mesmo La-Condamine parece ter acertado.»

Seria um effeito vulcanico? — Esta opinião, que ao primeiro aspecto parecera improducente, tem por si, no caso isolado de que fallamos, as leis e theorias da sciencia. Com tantos vestigios vulcanicos, e com muitos respiradoiros, seria disputar ao sol a faculdade de allumiar, negar, que o archipelago dos Açores é sobreposto a um vasto laboratorio de fogos interiores. Que muito, pois, que esta verdade nos empreste meios de alcançar a solução do nosso problema? A enchente não parecia partir de mui longe: a uma milha da costa talvez o seu impeto já fosse irreconhecivel. As tripulações de alguns navios de levante, que se mantinham durante o successo a pouca distancia, foram unanimes em declarar, que na altura porque então andaram, as aguas não apresentavam nenhum character extraordinario, que revelasse o que ia junto da costa, que demorava perto. — Assim, por qual outra causa seria senão por uma subterranea reacção vulcanica, onde as materias em combustão se inflammassem e debatessem, — não com a força de projecção bastante para produzir um respiradoiro, romper, e ultrapassar a crusta do globo terrestre — mas conseguindo apenas subleval-a, temporaria ou permanentemente? Não seria por esta alteação inopinada, que as aguas arrojadas d'aquelle fundo em que repoisam, e violentadas talvez por concussões repetidas viessem furibundas, debater-se contra as costas proximas? Muitas outras causas podiam soccorrer esta hypothese: o *novilunio* e a acção dos ventos seriam sobejas. A influencia das conjunções lunares sobre o movimento das aguas não ha ahi quem a conteste ou ignore; e o poder dos ventos é tão portentoso que o genio de La-Place creu só por elle explicar satisfatoriamente a causal da grande corrente de oriente a occidente, dita equinocial.

Que mais razões podemos aventurar aqui? — Observações meteorologicas ninguem as fazia então. (1) Podiam concorrer muito para illustrar,

*rés*, isto é, marés que se encontram, vindo cada uma de seu lado opposto, formando muitas vezes, e em certas paragens, correntes rapidas, e perigosas. . . — O *Monitor*, n. 45, de 11 de Dezembro 1839.

(1) Depois d'isso houve quem as fizesse, e cuidadosamente, por alguns annos. Alludimos aos curiosos e scientificos trabalhos de mr. Thomaz Carew Hunt, consul geral de sua magestade britanica nos Açores, residente na ilha de San-Miguel, cavalheiro da maior distincção e affabilidade. Sob o titulo de *Observações Meteorologicas* os publicou regularmente e no decurso de annos, desde 20 d'Outubro 1844 no importante jornal *O Agricultor Michaelense*. É digno de ler-se o seu artigo sobre o *Clima dos Açores*, a pag. 169 do *Almanak Rural dos Açores para o anno de 1851*, mandado publicar pela benemerita Sociedade Promotora da Agricultura Michaelense.

e porventura fixar a theoria d'este phenomeno, restando á historia sómente dizel-a, e não advinhal-a, como agora lhe succede.

Se ainda assim não puder satisfazer a alheias curiosidades o pouco que dito fica, pegar-nos-hemos ao argolão dos mysterios, e sem força para explicarmos convincentemente este notavel caso, saberemos ao menos defender-nos, dizendo, como o precitado naturalista francez: — « Nas grandes massas de fluidos, que cobrem o globo terrestre, ha movimentos espontaneos, animando cada uma de suas moleculas, que não são de maneira alguma mecanicos, e cujo principio nos é tão incognito como aquelle, que produz a circulação do sangue nas veias; e pode ser que n'isto não falte analogia.» (1)

JOSÉ DE TORRES.

### BIBLIOTHECA DE ALEXANDRIA.

O Egypto, que por tantos annos foi um paiz classico das lettras, achou-se successivamente dominado e subjugado pelos persas, gregos, romanos, e arabes.

Sabe-se que os gregos tiveram o Egypto em subjeição por mais de trezentos annos. Morto Alexandre, o throno foi occupado pela dynastia macedonia dos Lagidas que ahi reinaram por duzentos e noventa e quatro annos, até á morte de Cleopatra.

A famosa bibliotheca de Alexandria, fundada e enriquecida pelos primeiros Ptolomeus, constava de setecentos mil volumes quando os romanos a incendiaram, na occasião em que Cesar cercava esta cidade. Reformou-se depois com duzentos mil volumes da bibliotheca de Pergamo, donativo feito por Antonino a Cleopatra. No tempo do imperador Theodosio, o Maior, foi outra vez incendiada pelos christãos, que lançaram fogo ao templo de Serapis, onde ella estava collocada. Novamente a incendiaram os arabes, queimando os restos que ainda ali havia de livros profanos, e ecclesiasticos colligidos pelos christãos.

### JANELLA GOTHICA.

Em Agosto do passado occupando-se alguns trabalhadores na obra de apearer o lanço da muralha do angulo sudoeste no edificio denominado Guildhall, que são os paços do concelho, ou palacio da corporação municipal de Londres, descobriu-se esta janella, que se presume estar entaipada na parede desde o grande incendio de Londres em 1666; e bem se vê que em parte achou-se exposta á acção do fogo: as suas

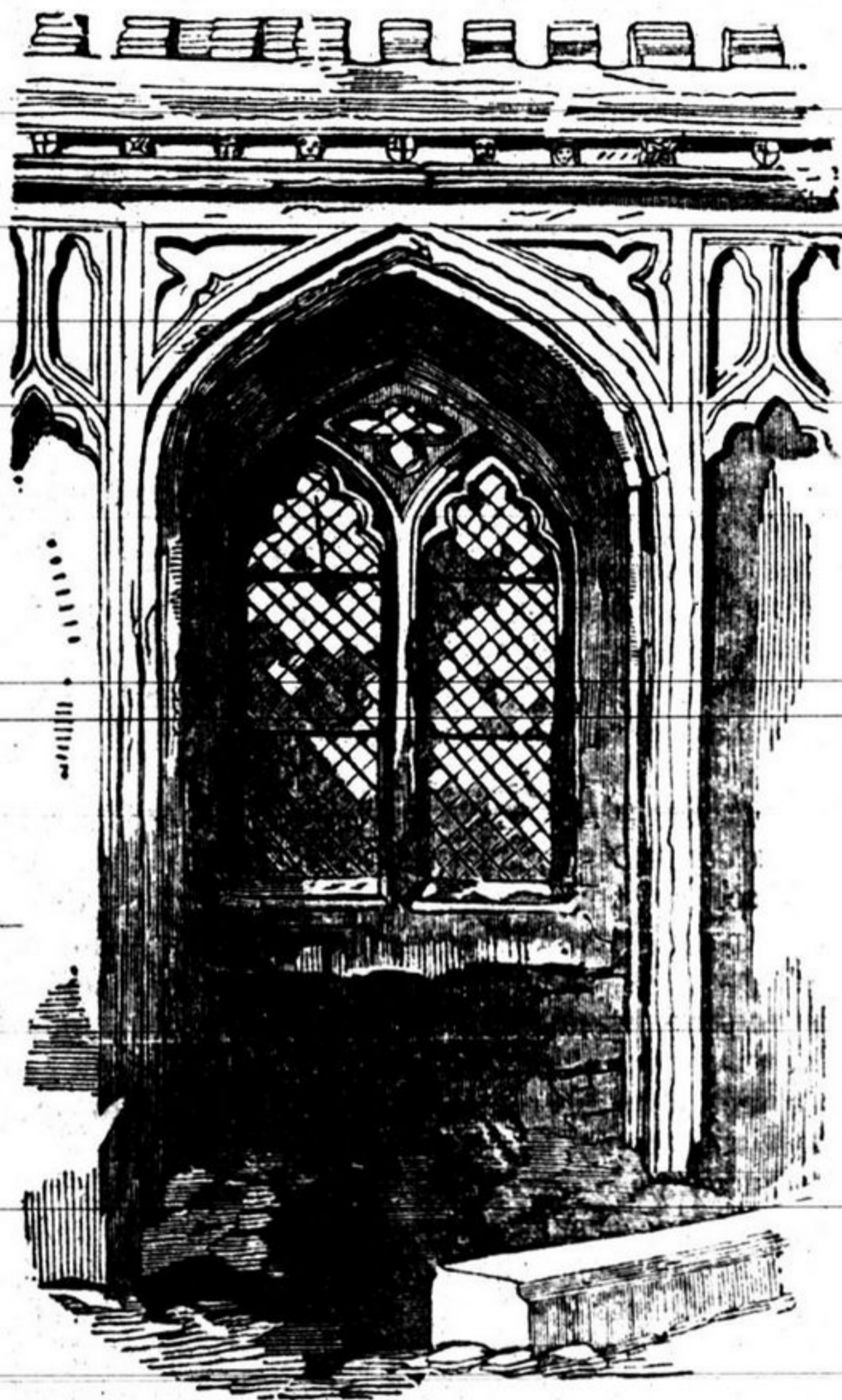
(6) *Nouveau Dictionnaire de Histoire Naturelle*, verb. *Mer*, artigo de Patrin.

molduras e repartimentos são de pedra calcarea, n'alguns logares calcinada quando outras porções estão perfeitamente intactas.

Forma esta janella duas frestas envidraçadas ao uso d'aquelles tempos; a peça do meio que

divide as frestas tem de altura quatro pés até onde faz arco; e a largura é de cinco pés de hobreira a hobreira; a parede em que está mettida tem quatro pés de grosso.

M.



JANELLA GOTHICA.

HOFFMANN!

Continuação.

II

Somos chegados á epoca em que começa para Hoffmann a verdadeira gloria. A esphera dos seus estudos alarga-se, pelo ardente desejo de saber que o accomette. O seu talento variado desinvolve-se com mais actividade, na presença d'aquella sociedade tão adiantada no caminho da civilisação. O poeta, o musico, o pintor sente duplicarem-se-lhe as forças da intelligencia, pelo contacto de homens já conhecidos no mundo artistico, taes como Hitzig, Voss, e Zacharias Werner; lança-se com assiduidade ao tra-

balho: compõe peças musicaes, faz quadros, escreve livros; e toda a cidade presta homenagem ao seu raro engenho.

Hoffmann foi feliz em Varsovia, porém essa ventura não durou muito tempo.

Apesar do ruido de uma grande povoação, que muito o contrariava em seus estudos, como elle graciosamente conta em uma poetica carta ao seu fiel amigo Hippel; apesar mesmo dos enfadonhos trabalhos do fóro, a que o obrigava o seu emprego de magistrado: Hoffmann achou tempo para compor a musica de tres operas — *A Charpa e a Flor*, — *O Conego de Milão*, e — *Os Musicos galhofeiros*. — Além d'isso, encarregou-se de fazer prosperar uma sociedade philarmónica, que existia em Varsovia, a tal ponto, que alcançou comprar para ella o palacio Mniszk,

onde se deram repetidos concertos musicaes. Hoffmann incumbiu-se de decorar, pela sua mão, a grande sala d'aquelle palacio, aonde elle proprio devia figurar como membro da orchestra. O conselheiro trocava a miudo a toga pelo avental do pintor; e muitas vezes, erguido sobre um andaime, cercado de potes de tinta, e com uma garrafa de vinho do Rheno ao alcance da mão, dava audiencia na sala da philarmonica aos litigantes, que reclamavam justiça. À noite, operando terceira metamorphose, embriagava com as harmonias da sua rebeca um auditorio de entendedores.

Porém uma tarde, a 28 de Novembro de 1806, a cavallaria de Murat entrou em Varsovia. No dia seguinte o marechal Davoust, arrojando os cossacos para além do Vistula, tomou posse da cidade. A 19 de Dezembro, ás duas horas, chegou Napoleão á capital da Polonia. A 8 de Julho de 1807, creava-se o ducado de Varsovia, e era entregue o seu dominio ao rei de Saxonia.

Hoffmann estava pois desempregado, e foragido tambem. Os bellos dias de prazer tinham voado. Da tristeza proveiu-lhe uma grave enfermidade; e viu-se sem recursos pecuniarios, sem protectores, nem amigos, preso ao leito da doença!

Não tendo podido alcançar em Berlin uma collocação official, começou a dar lições de musica, para não morrer de fome. Por pouco que não teve a sorte dos grandes poetas!...

O seu amigo Hitzig alcançou-lhe, a muito custo, a nomeação de chefe da orchestra do theatro de Bamberg; e Hoffmann partiu alegre a desempenhar o seu novo cargo, bem differente do que occupara em Varsovia. Mas oh fatalidade! Á sua chegada não encontrou o director do theatro, que havia fugido com o peculio da companhia! Os actores, que não podiam pagar aos musicos, resolveram-se a declamar em vez de cantar; e Hoffmann, amoldando-se ás circumstancias com stoica philosophia, decidiu-se a fazer versos em lugar de reger a orchestra. E foi applaudido.

Porém os rendimentos do seu novo emprego eram insignificantes. Para melhorar um pouco a situação em que se achava, Hoffmann escrevia artigos para a *Gazeta musical* de Leipzig, mas ainda assim a sua penuria era extrema.

Um dos seus biographos, *Emile de la Bédollière* (a quem seguimos, em parte, n'este estudo) menciona como prova da triste verdade que apontámos, o final de uma carta, escripta por Hoffmann ao editor d'aquelle jornal; dizia assim:

«N'este momento não tenho nada, não sou nada; mas quero tudo, sem saber preeisamente o que.»

Uma febre nervosa, aggravada pelo doloroso sentimento da perda de sua unica filha, esteve a ponto de fulminar o pobre Hoffmann, privando a litteratura de um de seus mais bellos ornamentos — *Os Contos phantasticos!* Felizmente, quando o anno de 1808 tocava o seu termo,

tinha Hoffmann melhorado de saude e de fortuna.

Por influencia do conde Julio de Soden, o nosso poeta é empregado em um novo theatro de Bamberg, sob a direcção de Holbein, homem emprehendedor e honrado, mas decidido a enriquecer em pouco tempo, ou a perder o seu ultimo real. Hoffmann torna-se machinista, architecto, musico, pintor, tudo, n'aquelle theatro. A concorrência publica o anima a trabalhar sem descanso... porém um bello dia, por mero capricho, Holbein larga a direcção do theatro, e abandona Bamberg, deixando outra vez o seu machinista a braços com a miseria!

Quando já tinha vendido a ultima casaca para comprar um pedaço de pão, Hoffmann encontra de novo a sua segunda Providencia, o seu amigo Hitzig, que lhe alcança o logar de chefe d'orchestra no theatro de Dresde.

O magistrado lança mão, outra vez, do arco da rebeca, e põe-se a caminho da capital da Saxonia.

N'esta cidade, se a fortuna lhe não foi mais propicia, teve ao menos a consolação de encontrar o seu melhor amigo, Hippel; e a amizade lhe fez esquecer um momento os seus infortúnios.

A miseria de Hoffmann não provinha de mandreice ou orgulho; o ex-conselheiro prestava-se a todos os trabalhos, de qualquer ordem que elles fossem, como temos observado. É que tambem na Alemanha, pelo menos n'aquelle tempo, como em Portugal, ainda hoje, é muito difficil alcançar uma posição independente pelas bellas artes, em quanto se não cria uma grande reputação artistica.

Hoffmann toca rebeca, compõe operas, faz caricaturas; mas a nudez está a bater-lhe á porta!

N'este miseravel estado o encontrou Talma, em Dresde, quando ali foi dar algumas representações em francez, ao mesmo tempo que Hoffmann introduzia no theatro alemão as comedias de Calderon de la Barca.

Em 1810 escreveu o incansavel Hoffmann a sua admiravel analyse do *D. João*, de Mozart, e as *Idéas de Kreissler sobre a musica*. (Kreissler é um pseudonymo que elle adoptou para si.) Nos intervallos que lhe deixavam os trabalhos litterarios e musicas, pintou a fresco a torre do castello de Altenbourg!

Em Abril de 1813 passou a dirigir a orchestra da companhia de *Joseph Secondo*, que representava alternativamente em Dresde e em Leipzig; e, segundo se deprehe de uma carta sua, datada d'esta ultima cidade, passava então a vida mais alegremente, posto que os meios pecuniarios lhe não sobrassem.

Hoffmann possuia uma intrepidez natural, que tocava as raias do heroismo, quando alliada com a gastronomia. Eis um exemplo d'esta verdade. Estava elle em Dresde, a 26 de Agosto de 1813, no meio da terrivel luta do exercito francez com

os alliados, quando, no momento de entrar em casa, lhe passou uma bomba por cima da cabeça, que foi rebentar entre quatro caixões de pólvora. Depois outra, e outras estalaram na praça, e os moradores da casa, aonde Hoffmann habitava também, trataram de se pôr ao abrigo da artilharia. Deixemos que o proprio heroe termine esta narração.

«A cada explosão não se ouviam senão gritos, soluços, lamentos... e nem um copo de vinho ou de *rum* para fortificar o coração! Escapei-me pela porta travessa, e corri para casa do actor Keller, aonde achei que beber. Estavamos nós, de copo em punho, em uma sacada, que dava sobre o Mercado Novo, quando outra bomba rebentou na praça. Um soldado de Westphalia ficou com a cabeça espedaçada; e um paisano, bem vestido, caiu perto d'elle. O pobre burguez tentou erguer-se; mas tinha o ventre aberto, e os intestinos saíam-lhe pela ferida; baqueou de novo, e expirou. Keller deixou cair da mão o seu copo; eu despejei o meu, exclamando: O que é a vida? Como o homem é fraco! Não poder supportar o choque de um pedaço de ferro!»

Apesar d'esta insensibilidade, um pouco egoista, Hoffmann amava a sua patria, e a retirada dos francezes causou-lhe uma sincera alegria. Parecia-lhe que, depois da sua partida, se respirava mais livremente. E postoque atacado de um pleuriz e de reumatismo gotoso, esqueceu o soffrimento para ridicularisar em caricaturas os invasores da Alemanha.

Ainda doente, em Leipzig, no principio do anno 1814, Hoffmann terminou a sua opera *Ondina*, que mereceu os applausos do publico, e o que é mais, os elogios de Weber, o illustre autor de *Freyschutz*.

O nosso *maestro* legou á posteridade, além dos trabalhos musicaes já mencionados, as operas — *Amor e ciúme*, e — *A taça da immortalidade*. Muitas symphonias, trios, quartetos, um *misere-re* e um *requiem*.

Até esta epoca, Hoffmann era mais conhecido como musico, e como pintor, do que como litterato; mas a datar de 1814 é por esta especialidade que vae tornar o seu nome eterno.

Dos seus artigos publicados na *Gazeta* de Leipzig, accrescentando-lhe alguns ineditos, formou um volume, que publicou sob o titulo de *Phantasias no gosto de Callot*, por E. T. A. Hoffmann. Não se sabe por que, havia mudado o seu ultimo prenome (Guilherme ou Wilhelm) para Amadeu.

Em Setembro do mesmo anno voltou Hoffmann a Berlin, aonde encontrou o bom amigo Hitzig; e alcançou em breve, por intervenção do seu Pylades, o constante Hippel, um honroso logar, que conservou até á morte, conselheiro da camara real de justiça na mesma cidade.

A miseria tinha acabado de uma vez para Hoffmann; a abundancia, apar de um nome glorioso, embalava decemente o poeta. Porém o

homem que conhecia bem o mundo pela experiencia, fugia do tumulto da côrte para o seio da amisade; e ligado estreitamente com Hitzig, magistrado, critico, e criminalista distincto, com Adalberto de Chamisso, autor da curiosa historia do *Homem que perdeu a sua sombra*, com o romancista Contessa, o doutor Koreff e poucos mais, creou uma sociedade litteraria, que se denominou de *Serapião*, aonde se discutia litteratura, philosophia, magnetismo, e se contavam historias e legendas.

Era ahi que Hoffmann patenteava as suas mais phantasticas inspirações; e d'estas palestras diarias nasceram os seus immortaes *Contos*, o mais bello florão da sua corôa artistica.

Continua.

F. M. BORDALO,

### CINTRA.

Cintra, amena estancia,  
Throno da vecejante primavera,  
Quem te não ama?

CANÇÕES — POEMA DE GARRETT.

Cintra, Cintra, se eu tivesse  
Do Tasso as inspirações;  
Ou a lyra harmoniosa  
Do nosso grande Camões!  
Se eu hoje fosse inspirado,  
Como o Dante enamorado,  
Com o seu estro immortal!  
Com ardor eu te cantara,  
Os meus cantos te offertara,  
Pois não tens belleza egual!...

Tudo em ti é aprazível,  
Tudo bello e seductor!  
De manhã, de tarde, á noite,  
Sempre nos fallas d'amor!  
Tu encerras taes encantos,  
Teus attractivos são tantos,  
Como eguaes não encontrei!  
És p'ra mim a mais formosa,  
A mais linda e primorosa,  
Das terras por onde andei!

Onde tem mais poesia  
O nascer e o pôr do sol?  
Onde é mais harmonioso  
O canto do rouxinol?  
Onde mais formosas flores,  
Palacios mais seductores,  
Nós iremos encontrar?  
Onde mais amenos prados,  
Arvoredos mais copados,  
Poderemos admirar?...

Lá sobre a serra escarpada,  
Que magestoso não é,  
O castello dos reis moiros  
Erguendo-se inda de pé!

Com suas fortes muralhas,  
Testemunhas das batalhas,  
Que o tempo fez olvidar!  
Quando as quinas levantadas,  
No meio das nossas espadas,  
Lá se foram hastear!...

E no mais alto da serra,  
Da *Pena* o paço real!  
Com os seus lagos tão bellos,  
Suas fontes sem rival!  
Com seus bosques seductores,  
Seus jardins e suas flores,  
Sua belleza sem par!  
Lá n'esse monte elevado,  
Que da terra levantado,  
Quer os astros dominar!...

Acredita, ó minha Cintra,  
Que nas terras onde andei,  
Formosura igual á tua,  
Em nenhuma eu encontrei!  
Eu n'ellas não desfructava,  
O prazer que em ti gosava,  
Nem achei encanto igual;  
Pois tu és a mais formosa  
A mais bella e magestosa  
Das terras de Portugal!...

J. A. X. DE MAGALHÃES.

## CHRONICAS MONASTICAS.

DA COMPANHIA DE JESUS.

### III

CASA DE S. ROQUE.

Continuação.

Foi esplendida a funcção do recebimento das reliquias doadas por D. João de Borja, e o principe cardeal, e archiduque Alberto regente d'este reino de Portugal, sob o dominio de Castella, ordenou que para noticia d'este acto se recolhesse em narração de historia tudo quanto a este respeito se passou.

Approvadas as reliquias, ordenou-se a procissão com que foram transferidas da Sé para a casa de S. Roque. Ornaram-se as janellas e paredes das ruas, por onde tinha de passar, e na vespera se illuminou com lanternas a fachada da igreja de S. Roque, e se fizeram fogueiras no adro, lançando-se fogo ás respectivas barriças de alcatrão com grande alvoroço de charamelas e repiques de sinos. Houve janella que se alugou para o dia da festa por quarenta cruzados, e casas por trinta mil réis.

Aos 25 de Janeiro de 1588 teve logar a solemnidade, e o prestito começou a sair da Sé

pelas nove horas da manhã. Iam diante de tudo os meninos da Doutrina com suas capellas na cabeça, e ramos verdes nas mãos, indo no coice, ordenados em procissão tambem com ramos e capellas de flores, os meninos que já andavam em habitos de frades. Levavam elles n'uma charola doirada a imagem do Menino Jesus, e no mesmo andor, dois meninos de vulto, vestidos em habito de S. Domingos, e na attitude de estarem comendo com o Menino Deus; o que era representação de um caso, que se dá por succedido em Santarem. Acompanhavam esta charola dez meninos vestidos de damasco carmesí com capellas de flores na cabeça; e quatro d'elles levavam diante castiças de prata, com suas velas brancas acesas, e os outros salvos de prata, com varias insignias e divisas do Menino Jesus. Seguia-se a capella da Doutrina com musica de motetes e cantigas devotas, acompanhando-a o celebre padre mestre Ignacio.

Iam logo as bandeiras dos officios da cidade de Lisboa, e algumas folias e danças da mesma cidade, e entre estas uma de pastores.

Seguiam-se as confrarias e irmandades, que foram em numero de mais de cincoenta, indo os confrades com seus habitos e divisas, capellas de flores na cabeça, ou lyrios nas mãos. Só a confraria do Santissimo da Magdalena levava cento e vinte confrades, com suas opas de grã e escarlata, capellas, e tochas de quatro pavios, e suas particulares charamelas, das quaes havia varias ordens e ternos por toda a procissão, repartidas por seus intervallos. Pelo meio iam as cruces d'estas confrarias, e de todas as freguezias da cidade, que passavam de cem.

Vinham depois trezentos religiosos, que eram cento e dez da ordem de Nossa Senhora do Carmo; cem de Santo Agostinho; cincoenta de S. João; e os restantes, padres da Companhia da casa de S. Roque, e Collegio de Santo Antão. Levavam tochas nas mãos.

Seguia-se aos religiosos grande numero da cleresia, indo no coice de uma parte o cabido da Sé, e da outra os capellães da capella real.

O pallio era levado de um lado pelos capellães regios, e do outro pelos conegos.

Pelo meio dos religiosos e cleresia iam distribuidas as reliquias em doze andores, feitos de novo para este acto, ricamente guarnecidos de oiro e sedas. Eram levados aos hombros por quarenta e oito clerigos, revestidos em almaticas ricas.

Os andores não iam todos juntos, mas divididos de quatro em quatro. Os primeiros, entre os religiosos que vinham diante: os quatro do meio quasi no fim de todas as ordens: os derradeiros no coice da procissão entre a cleresia.

Continua.

F. D. D'ALMEIDA E ARAUJO.

A verdade pode calar-se, ou dizer-se; mas nunca adulterar-se, nem contradizer-se.